

TRISTEZA E MELANCOLIA: A EXPERIÊNCIA DA EPILEPSIA NA ESCRITA DE TRÊS INTELLECTUAIS BRASILEIROS .

Aluna: Samantha Valério Parente Souza

Orientadora: Margarida de Souza Neves

Introdução

Este trabalho recolhe os resultados da atual etapa da pesquisa no Projeto *Em defesa da sociedade? Epilepsia e propensão ao crime no pensamento médico brasileiro. 1897- 1957*, coordenado pela Professora Margarida de Souza Neves, do Departamento de História. O sub-tema que desenvolvo é o estudo dos escritos autobiográficos de pessoas com epilepsia do final de século XIX até meados do século XX. Na primeira etapa trabalhei com a correspondência trocada entre Machado de Assis e Mário de Alencar, assim como também com a correspondência entre Machado de Assis e Magalhães de Azeredo, três literatos brasileiros, membros da Academia Brasileira de Letras e *epiléuticos*, termo utilizado pelos médicos da época. Na atual fase da pesquisa faço o levantamento de toda a correspondência ativa e passiva de Mário de Alencar e Magalhães de Azeredo e também analiso um livro autobiográfico, intitulado *Memórias*, escrito por Magalhães de Azeredo.

Objetivos

O objetivo principal desta etapa do trabalho é investigar de que forma a epilepsia aparece nestes escritos autobiográficos, documentos não particulares, que trazem a tona a experiência da epilepsia na vida desses três intelectuais, o que gera, entre eles, um forte sentimento de solidariedade .

Esse objetivo mais geral se desdobra em dois objetivos específicos:

1. Aprofundar a reflexão sobre os registros autobiográficos constituídos por obras memorialísticas e correspondência e sua importância como documentação histórica.
2. Analisar esses registros autobiográficos procurando identificar as menções à doença, a presença dos julgamentos médicos da época sobre a epilepsia e a construção da representação desta doença por aqueles que, sendo intelectuais reverenciados e célebres, sofriam desta enfermidade, vista, na época, como um malefício,

Metodologia

O pacto autobiográfico se constitui a partir da revelação de uma experiência pessoal a outro, em um acordo implícito de um eu autorizado pelo próprio biografado, no caso o narrador, que restaura para si suas recordações, seu passado, sua própria vida e faz dessas lembranças um discurso do qual o leitor participa e é cúmplice, segundo afirma Lílian Maria de Lacerda [1]. Esses escritos autobiográficos são, para os historiadores, testemunhos documentais em que o autor registra o que quer deixar de si para a posteridade e como quer ser visto pelos demais.

De modo análogo, as cartas, segundo afirma Diana Irene Klinger [2], são, sobretudo, documentos em que o autor trabalha a subjetivação do discurso e constrói ao mesmo tempo uma *objetivação da alma*. É uma forma de se oferecer ao olhar do outro, paralela a uma introspecção e uma abertura de si mesmo ao outro ao mesmo tempo que é a construção uma

versão de si mesmo. São também, tal como sugere Ângela de Castro Gomes [3], *espaços de sociabilidade* especialmente significativos na época estudada. É com estas perspectivas metodológicas que as cartas e o livro de memórias foram analisados.

Conclusão

1. É possível perceber que há uma diferença entre a correspondência de Magalhães de Azeredo e seu livro de memórias com relação à epilepsia. Nas cartas, ele, por várias vezes, se queixa a Machado de Assis de sua doença e o quanto a epilepsia atrapalha sua vida intelectual, por deixar-lhe melancólico e cansado demais para escrever. Já na escrita de suas memórias ele se refere a sua doença poucas vezes e de maneira alusiva, que, de modo diverso ao que ocorre nas cartas, não ocupa lugar de destaque em sua narrativa. Em suas *Memórias* [4], Magalhães de Azeredo busca enfatizar mais sua trajetória intelectual e sua rede de amizades fora do país. O intelectual quer deixar para posteridade o modo como pretende ser visto, como o imortal, que pertence ao reino dos sãos e não ao dos doentes [5].

2. Na correspondência trocada entre os três intelectuais foi possível perceber que Machado de Assis ocupava um lugar de destaque como mentor, não só intelectual, mas também no que dizia respeito à doença. Machado era tratado por Mario Alencar e Magalhães de Azeredo como mestre e amigo, mestre intelectual e amigo que compartilhava de seus sofrimentos e o podia fazer, por sua própria experiência, compreender.

3. Na atual fase da pesquisa a análise está centrada na correspondência ativa e passiva de Magalhães de Azeredo e Mário de Alencar após a morte de Machado de Assis em 1908. No caso de Mário de Alencar, a epilepsia é quase sempre tema central de sua narrativa, mas não é possível identificar seu correspondente porque as cartas não têm destinatário definido, apesar de ficar evidente que elas são endereçadas à mesma pessoa. Com a morte de Machado de Assis, tanto Mário quanto Magalhães de Azeredo buscam apoio em outras pessoas de sua confiança para partilhar seus segredos privados.

O trabalho de pesquisa em andamento, quando concluído, constituirá minha monografia de final de curso de graduação em História.

Referências

- 1 – LACERDA, Lílian Maria de. “Lendo vidas: a memória como escritura autobiográfica” In MIGNOT, Ana Cristina Venâncio, BASTOS, Maria Helena Câmara e CUNHA, Maria Tereza Santos (orgs). *Refúgios do eu: educação, história, escrita autobiográfica*. Florianópolis: Mulheres, 2000.
- 2 - KLINGER, Diana Irene. *Escritas de si, escritas do outro. O retorno do autor e a virada etnográfica*. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2007.
- 3 – GOMES, Ângela Maria de Castro (org). *Escrita de si. Escrita da História*. Rio de Janeiro: FGV, 2004.
- 4 – AZEREDO, Carlos Magalhães de. *Memórias*. Transcrição, atualização ortográfica e introdução de Afonso Arinos Filho. Rio de Janeiro: Academia Brasileira de Letras, 2003. Coleção Afrânio Peixoto
- 5 - SONTAG, Susan. *A doença como metáfora – AIDS e suas metáforas*. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.